

# NÓVOA E O PERCURSO DA PEDAGOGIA PARA UM TRABALHO COOPERATIVO EM NOSSO SÉCULO.

“Somente há uma forma de ensinar, com autenticidade e respeito”.  
(João dos Santos).

“O que nos une é nossa história, o que nos liberta é a ciência, a arte...”  
(António Nóvoa)

## RESUMO:

*António Nóvoa nos convidou a repensar sobre algo para o que, antes, ele já nos chamara a atenção: a Terceira Margem do Rio (Guimarães Rosa), lembrando-nos que a Pedagogia é uma viagem não dicotômica, que revê a história mas vive a atualidade para abrir portas ao futuro pela aprendizagem. Nóvoa alertou-nos, em sua palestra, que seu olhar é o de um observador total, fundamentado filosoficamente. E nesta viagem, enquanto viajantes da terceira margem de um rio chamado escola, levou-nos ao debate daquilo que é o aluno, a escola e a sociedade do século XXI, informatizada em redes de cooperação.*

## AUTOR:

*Nuria Pons Vilardell Camas – Professora da Universidade Federal do Paraná no Setor de Educação, Departamento de Teorias e Práticas do Ensino.*

Atualmente, um dos grandes desafios é “ensinar aqueles que não querem aprender”, nos diz categoricamente António Nóvoa, referindo-se aos que estão na escola, mas nunca adentraram no espaço do aprender. Para isso, temos de enfrentar, inicialmente, três fracassos pedagógicos:

1. A pedagogia Burocrática: aquela que apenas entende papéis assinados e devidamente carimbados;
2. A pedagogia Gestonária: aquela que pretende algum controle por meio de gestões e gestores;
3. A pedagogia Científica: aquela que acredita na teoria e não consegue colocar-se frente à prática.

Nóvoa nos chama a atenção para a necessidade de construir uma pedagogia que una arte e ciência para não falharmos; e afirma que “os professores

abrem portas para o futuro”. Citou o poeta surrealista português Mário Cesariny: “ama como a estrada começa”, como quem chama pela história para que possamos iniciar a análise e reflexão do que vivenciamos hoje.

Nóvoa também ressaltou que “Há três futuros: alunos, escola e sociedade”. Quanto aos alunos, reflete o pensamento de Rousseau, de que era preciso partir dos interesses das crianças, sem esquecer o papel do professor, exercendo a autoridade do conhecimento e não o autoritarismo gestor, burocrata e científico pela ciência sem arte. A escola, por sua vez “serve para nos libertar, libertar pela aprendizagem”. Pode-se dizer que o sistema escolar mudou muito menos que a realidade em sua volta. Muitas vezes, o professor põe-se refratário para incorporar o saber científico e tecnológico produzido pela sociedade que está ao seu redor, e talvez aqui possamos começar a entender aquilo que Nóvoa destaca quanto aos fracassos pedagógicos. Ele lembra a invenção do quadro negro como a maior tecnologia criada para a escola. Em meados do séc. XIX, pendura-se em uma parede “um elemento vazio, fixo, vertical que conceitualmente implicaria numa pedagogia coletiva, massiva, do poder centralizado pelo professor para muitos alunos”.

Estas quatro características da lousa ou quadro negro, como também conhecemos, num certo sentido, já não fazem parte, ou não deveriam fazer parte, da escola de nosso século. Hoje temos o móvel, o horizontal na comunicação, repleto de informações e, de algum modo, mais individual que coletivo. “Do quadro negro ao celular há necessariamente outra pedagogia”.

Entretanto, o espaço físico, a forma de organização de turmas, a sala de aula, o quadro negro, a separação dos horários, os exercícios, os estímulos, o currículo escolar, os sistemas avaliativos, fazem-se presentes há, pelo menos, seiscentos anos com características muito parecidas às que se aplicam hoje em salas de aula presenciais, naquilo que acreditávamos que poderia trazer evoluções como a educação a distância, até mesmo na EAD on-line.

Se na sociedade industrial tinha-se o capital como recurso de produção, a atualidade traz a necessidade de transformar informações em conhecimento. As organizações se descentralizam, já que os mercados são fluídos, o que gera tarefas complexas, intelectuais e participativas. Da estabilidade passada ao emprego dinâmico em empresas menores. A tecnologia é eletrônica, microeletrônica e biológica, e a informação é interativa.

Sendo assim, compreende-se a necessidade de uma formação geral e profissional não mais baseada na memorização e repetição de procedimentos, vivencia-se a necessidade de saber lidar com as dúvidas, as incertezas devem servir de estímulo para percorrer novos caminhos, despertar a originalidade e a criatividade que só podem ser conseguidas por intermédio de um ensino crítico e inovador, tendo a ciência e a arte como fontes de aprender e ensinar. O que implica não só o domínio de conteúdo por parte do educador, como também uma visão de caminhos metodológicos diferentes, de ação colaborativa, de projetos intelectuais no ensino superior que sejam multidisciplinares, orientando uma nova visão do aprender permanente necessário aos alunos e professores.

Portanto, a primeira porta para o futuro, indicada por Nóvoa, é sabermos que temos de buscar uma “aprendizagem que liberta, com os meios tecnológicos”.

A escola do séc. XXI não pode mais ser igual ao passado, devem-se construir escolas diferentes. E aqui temos o segundo caminho na viagem do aprender, sugerida por Nóvoa. O plano de sala de aula de 1867 é igual ao que temos hoje, ou seja, ensinar a todos como se fossem um só, a escola massiva, de um para todos. “A escola nasceu como normalização”... “nós não tivemos escolas, somente um monteiro de salas de aulas”.

António Nóvoa nos alerta que a grande reflexão que temos de ter na atualidade é “para que queremos a materialidade de uma escola, de um campí?”. Para não sairmos do mesmo que fazemos nestes últimos séculos? Vivemos uma grande transformação que é estarmos na transição da era massiva para a era pós-massiva, que inclui as tecnologias digitais e móveis como meios de comunicação e educação.

Aprender a colaborar e trabalhar em rede, já é uma realidade “e os professores tem de enfrentar e agarrar esta transformação para mudar”; “Se não estivermos à altura dessas mudanças, enquanto professores não sobreviveremos, a escola pode se tornar um lugar dispensável”.

A escola nasceu como separação, o que hoje é inadmissível, “temos de juntar o que foi separado”. E, em sua reflexão, Nóvoa nos traz Illich, que afirmou a necessidade de construir

uma trama de possibilidades educacionais, e João dos Santos, em sua alteridade no pensamento de que “interessa-nos saber o que cada um pode fazer por todos”.

“Há mais educação para além da escola”, é tempo de compreender a escola, a liberdade pela aprendizagem, inclusão pela escola, reforço da educação como espaço público. Aqui a crítica ao espaço universitário, de nossa fragmentação, do ensino apenas de disciplinas, departamentos, educação fechada que não dialoga com seus alunos e a sociedade. Precisamos de outra escola e universidade, temos de construir outras formas de trabalhar, ensinar. Precisamos mais do que nunca de professores abertos ao novo, que incorporem ao seu fazer prático o que a sociedade demanda, e isso se refere às tecnologias.

“No princípio do séc. XVI teve-se o mesmo pensamento e rejeição pobre sobre o uso do livro. Hoje alguns o fazem sobre o uso das tecnologias”. Acautela-se que a inovação não pode estar na introdução de novas tecnologias usadas com pensamento e modo de fazer antigo. Fazer uso de tecnologias na educação, por meio da rede de computadores, notebooks, tablets e celulares com acesso à internet, implica ter professor e aluno inseridos em novos métodos e conceitos que entendam um novo avaliar, uma nova visão de ser professor e uma nova maneira de aprender e ser aluno.

Não podemos mais querer “Ensinar o aluno a nadar sem entrar na água”, a velha e falha dicotomia entre a teoria e a prática e a ciência sem vínculo com a arte.